

SIMÕES DE ASSIS





SIMÕES DE ASSIS & GRAHAM^{INC}
STEELE

Mestre Didi

Panteão da Terra
Pantheon of the Earth

03 fevereiro a 12 março 2022
february 03 to march 12 2022

A galeria de São Paulo está aberta ao público com hora marcada.
Agende sua visita pelo site ou telefone.

The São Paulo gallery is open to the public by appointment.
Schedule your visit by website or phone.

são paulo
rua sarandi 113 a
01414-010 sp brasil

info@simoesdeassis.com
+55 11 3063-3394

simoesdeassis.com
@simoesdeassis_



Mestre Didi, emergência mítica – olhar universal

Didi é um sacerdote-artista.

Expressa, através de criações estéticas, arraigada intimidade com seu universo existencial onde ancestralidade e visão de mundo africanas se fundem com sua experiência de vida baiana. Tradição e contemporaneidade, civilizações replantadas e recriadas. “Evoluir sem perder a essência”, nas suas próprias palavras. Completamente integrado com o universo nagô de origem iorubana, revela em sua obra sua inspiração mítica, formal, material. A linguagem nagô com a qual se expressa é um discurso sobre a experiência do sagrado.

Mestre Didi absorveu o significado das múltiplas relações do homem com seu meio ético, social e cósmico, assimilando esses valores e modos desde sua infância. Iniciado aos 8 anos de idade, conviveu com grandes mestres africanos e desenvolveu sua vida iniciática e gosto estético em bem-estruturadas comunidades nagôs.

Suas obras carregam a experiência, o hálito, a respiração dos mais antigos aos mais novos, de geração em geração. Condensando sua história pessoal e sua capacidade de transcender.

Didi veicula intencionalmente, para além de sua própria vida, a energia mítica de sua trajetória iniciática, inscrevendo-se na vertente mitológica das artes, projetando uma energia poética de caráter universal.

Esse aspecto de incorporar iniciaticamente, de transcender gerações e de expandi-las é fundamental para a compreensão da capacidade de retextualização dinâmica de seu fazer estético afro-brasileiro.

Suas obras têm o poder de tornar presente a linguagem abstrato-conceitual e emocional elaborada desde as origens pelos seus antecessores. Elas têm o poder de tornar presente os fatos passados, de restaurar e renovar a vida. Através de suas atividades e obras, Didi contribui para reconduzir e recriar todo o sistema cognitivo emocional comunitário, em relação tanto ao cosmos quanto à realidade humana.

Suas obras se inscrevem na vertente mitológica das artes, projetam uma energia poética de caráter universal. Extrapolam o tempo. Didi redimensiona sua existência de homem indivíduo inserindo-se na corrente da ancestralidade, nos constantes renascimentos perpetuados e cultuados no Panteão da Terra, lama genitora, terra molhada, fecundada.

Didi, o Assogba, sumo sacerdote do Panteon da Terra, executa objetos rituais desde sua infância e adolescência. O discurso manifesto de suas obras, constituído de formas, cores e matérias, transporta, latente, o eidos – o conhecimento vivido, a emoção, a afetividade, as elaborações profundas passadas e presentes, o conjunto de teofanias evocadas, restituindo e renovando criativamente os princípios e a linguagem de sua tradição.

Em um movimento de recriação simbólica, Didi transporta materiais e técnicas tradicionais para uma arte contemporânea, traduzindo um conhecimento mítico e universal do qual é herdeiro. Por isso seu trabalho é autêntico no sentido emocional, moral e visual, proporcionando uma profunda coerência formal a suas criações. O trabalho de Didi é tradicional e novo.

Discorrer sobre Didi e sua criatividade estética implica discorrer sobre a arte afro-brasileira, implica abrir um leque epistemológico sobre a tradição, o religare, a visão de mundo da qual ele emerge e faz parte indissolivelmente. Sua trajetória e criação estética emergem e recompõem, na continuidade e na descontinuidade do Brasil, o conhecimento, o pensamento e as subjacências emocionais dos princípios inaugurais reelaborados desde épocas remotas; antes de serem formas de arte, são criações que se encarregam de significar as múltiplas relações do homem com seu meio cósmico, social e ético. O conjunto de atividades e produções de Mestre Didi contribuem para expressar e transmitir o conhecimento universal cósmico, teológico e tecnológico dos afro-brasileiros.

Discorrer sobre sua obra diz respeito não apenas ao sacerdote-artista Didi, mas implica visibilizar e discorrer sobre a cultura afro-brasileira que se manifesta e magnifica através de sua criatividade; significa abrir um leque de conhecimentos sobre a tradição, o religare, a espiritualidade, a visão de mundo, a capacidade de um povo de expressar sua origem e seu enorme potencial de diálogo; diálogo que compõe e contribui para a complexa pluralidade cultural brasileira.

Conscientizar a trajetória de Mestre Didi, Deoscoredes Maximiliano dos Santos, intelectual, sacerdote, transmissor cultural, recriador lúcido de uma arte mítica de estética contemporânea, Doutor Honoris Causa, entre inúmeros títulos e condecorações. Um afro-brasileiro de olhar universal.

As manifestações estéticas magnificando o sagrado permeiam a tradição afro-brasileira. As criações de Deoscoredes Maximiliano dos Santos, emergentes desse universo, enriquecem e singularizam o patrimônio nacional.

Juana Elbein dos Santos

1992 – Texto originalmente publicado no catálogo da exposição “O Alapini-Escultor da Ancestralidade Afro-Brasileira” em 2009 no Museu Afro Brasil.



Mestre Didi, mythic emergence, universal perspective

Didi is an artist-priest.

He expresses, through aesthetic creations, a deep intimacy with his existential universe, where African ancestry and world-visions are fused with his life experience in Bahia, Brazil. Tradition and contemporaneity, replanted and recreated civilizations. "To evolve without losing our essence", in his own words. Completely integrated with the Yoruba universe, he reveals in his work his mythic, formal and material inspirations. The Yoruba language through which he expresses himself is a discourse on the experience of the divine.

Mestre Didi absorbed the meaning of the multiple relations of men and their ethical, social and cosmic environment, assimilating these values and means from an early age. He was initiated in the Candomblé when he was eight years old, getting to know great African masters and developing his religious life and aesthetic taste in well-structured Yoruba communities.

His works carry the experience, the breath from the oldest to the youngest, from generation to generation. Condensing his personal history and his ability to transcend.

Didi intentionally conveys, beyond his own life, the mythical energy of his initiations, inscribing himself into the mythological aspect of the arts, projecting a poetical energy of universal nature.

The aspect of incorporating his religious initiations, of transcending generations and expanding them, is fundamental in understanding the dynamic re-textualization ability of his aesthetic Afro-Brazilian art making.

His works have the power to make present the abstract-conceptual and emotional language, elaborated since the dawn of time by his predecessors. They have the power to make past events present, to restore and renew life. Through his activities and works, Didi contributes to reconducting and recreating the entire cognitive emotional communitarian system, in relation to both the cosmos and the human reality.

His works are inscribed in the mythological aspect of the arts, projecting a poetic energy of universal nature. They extrapolate time. Didi resizes his existence as an individual man, inserting himself in an ancestral stream, in the constant rebirths perpetuated and worshiped in the Pantheon of the Earth, mother mud, wet land, fertilized earth.

Didi, the Assogba, high priest of the Pantheon of the Earth, executes ritual objects since his childhood and adolescence. The manifest discourse of his works, constituted of shapes, colors and materials, carries, latent, the eidos – the lived knowledge, the emotion, the affection, deep elaborations from the past and present, the set of evoked theophanies, restoring and creatively renewing the principles and language of his tradition.

In a movement of symbolic recreation, Didi transposes traditional materials and techniques to contemporary art, translating mythical and universal knowledges he inherited from birth. That's why his work is authentic in an emotional, moral and visual sense, which provides a deep formal coherence to his creations. Didi's work is both traditional and new.

Debating Didi and his aesthetic creativity implies in discussing Afro-Brazilian art, implies in opening an epistemological range of questions about tradition, reconnection, the vision of the world from which he emerges and is an indissoluble part of. His trajectory and aesthetic creation emerge and recompose, in the continuity and discontinuity of Brazil, the knowledge, the thought and the subjacent emotions of the inaugural principles re-elaborated since remote times; before being forms of art, they are creations that are responsible for signifying the multiple relationships between man and his cosmic, social and ethical environment. The whole set of activities and productions of Mestre Didi contributes to express and transmit universal, cosmic, theological and technological knowledges of the Afro-Brazilians.

To discuss his work is to not only address the artist-priest Didi, but also implies making visible and discussing the Afro-Brazilian culture that is manifested and magnified through his creativity; it means opening up a range of knowledges about tradition, about reconnection, spirituality, worldview, people's ability to express their origin and their enormous potential for dialogue; a dialogue that contributes to the complex Brazilian cultural plurality.

We raise awareness of Mestre Didi's trajectory, Deoscoredes Maximiliano dos Santos, an intellectual, high-priest, cultural agitator, lucid recreator of a mythical art of contemporary aesthetic, Doctor Honoris Causa, among countless titles and commendations. An Afro-Brazilian with a universal perspective.

The aesthetic manifestations magnifying the sacred permeate the Afro-Brazilian tradition. The creations of Deoscoredes Maximiliano dos Santos, emerging from this universe, enrich a unique national heritage.

Juana Elbein dos Santos

Mestre Didi

Eran L'okun - O polvo com 4 tentáculos

tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas

114 x 65 x 65 cm

palm trunk, painted leather,
shells and beads

44 $\frac{7}{8}$ x 25 $\frac{5}{8}$ x 25 $\frac{5}{8}$ in

exposição exhibition

2018 Isso é coisa de preto: 130 anos da Abolição
da Escravidão, curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo.

publicação publication

Isso é coisa de preto: 130 anos da Abolição da
Escravidão, pg. 177, curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo, 2018.



Mestre Didi
Sem Título

tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas

130 x 15 x 15 cm

palm trunk, painted leather,
shells and beads

51 $\frac{3}{16}$ x 5 $\frac{8}{9}$ x 5 $\frac{8}{9}$ in







Mestre Didi
Sem Título, 1966
tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas
64,5 x 45 x 8 cm
palm trunk, painted leather,
shells and beads
25 $\frac{3}{8}$ x 17 $\frac{5}{8}$ x 3 $\frac{1}{8}$ in



Mestre Didi
Ejó Epé Mimo, 2009
tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas
105 x 39 x 21 cm
palm trunk, painted leather,
shells and beads
41 $\frac{3}{8}$ x 17 $\frac{6}{8}$ x 8 $\frac{6}{8}$ in





Mestre Didi

Eye Iyá Agba - Pássaro mãe ancestral, 2012

tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas

164 x 60 x 19 cm

palm trunk, painted leather,
shells and beads

64 $\frac{4}{8}$ x 23 $\frac{5}{8}$ x 7 $\frac{4}{8}$ in

exposição exhibition

2018 Isso é coisa de preto: 130 anos da Abolição
da Escravidão, curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo.

publicação publication

Isso é coisa de preto: 130 anos da Abolição da
Escravidão, pg. 170, curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo, 2018.



Mestre Didi

Iwin Igbo - Espírito da floresta, 2009

tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas

175 x 35 x 40 cm

palm trunk, painted leather,
shells and beads

68 $\frac{7}{8}$ x 13 $\frac{5}{8}$ x 15 $\frac{5}{8}$ in

exposição exhibition

2009 Mestre Didi: Homenagem aos 90 anos.

Deoscoredes Maximiliano dos Santos: o escultor
do sagrado. Curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo.

publicação publication

Mestre Didi: Homenagem aos 90 anos.

Deoscoredes Maximiliano dos Santos: o escultor
do sagrado, pg. 22. Curador: Emanuel Araujo.
Museu Afro Brasil, São Paulo, 2009.







Mestre Didi

Sapucaia, 2000

tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas

115 x 32 x 23 cm

palm trunk, painted leather,
shells and beads

45 $\frac{7}{8}$ x 12 $\frac{5}{8}$ x 9 $\frac{1}{8}$ in

exposição exhibition

2018 Isso é coisa de preto: 130 anos da Abolição
da Escravidão, curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo.

publicação publication

Isso é coisa de preto: 130 anos da Abolição da
Escravidão, pg. 178, curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo, 2018.







Mestre Didi
Ope Awo lbo - Palma misteriosa do mato, 04/2011
tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas
131 x 36 x 30 cm
palm trunk, painted leather,
shells and beads
51 $\frac{5}{8}$ x 14 $\frac{2}{8}$ x 11 $\frac{6}{8}$ in



Mestre Didi
Sasará Tradicional, 2003
tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas
60 x 9,5 x 9,5 cm
palm trunk, painted leather,
shells and beads
23 $\frac{5}{8}$ x 3 $\frac{5}{8}$ x 3 $\frac{5}{8}$ in



Mestre Didi
Sasará tradicional, 2003
tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas
57,5 x 10 x 10 cm
palm trunk, painted leather,
shells and beads
22 5/8 x 4 x 4 in





Mestre Didi

Sem Titulo

tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas

139 x 77 x 15 cm

palm trunk, painted leather,
shells and beads

54 $\frac{5}{7}$ x 30 $\frac{2}{7}$ x 5 $\frac{5}{9}$ in

exposição exhibition

2018 Isso é coisa de preto: 130 anos da Abolição
da Escravidão, curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo.

publicação publication

Isso é coisa de preto: 130 anos da Abolição da
Escravidão, pg. 177, curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo, 2018.



Mestre Didi

Opa Nilé - Cetro da terra, 1996

tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas

313 x 85 x 20 cm

palm trunk, painted leather,
shells and beads

123 $\frac{3}{8}$ x 33 $\frac{4}{8}$ x 7 $\frac{7}{8}$ in

exposição exhibition

2018 Isso é coisa de preto: 130 anos da Abolição
da Escravidão, curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo.

publicação publication

Isso é coisa de preto: 130 anos da Abolição da
Escravidão, pg. 170, curadoria por Emanuel Araujo,
Museu Afro Brasil, São Paulo, 2018.







Mestre Didi
Igi Osnyn Ati Omo Meta,
Ejo Kan Ati Eye Kan Árvore de Ossany, 2011
tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas
172 x 28 x 22 cm
palm trunk, painted leather,
shells and beads
67 ⅞ x 11 x 8 ⅞ in







Mestre Didi
Catisal - Sasará Ati Ibiri Meta, 1968
tronco de palmeira, couro pintado,
conchas e miçangas
61 x 21 x 21 cm
palm trunk, painted leather,
shells and beads
24 x 8 $\frac{3}{8}$ x 8 $\frac{3}{8}$ in





Deoscóredes Maximiliano dos Santos (Salvador, Bahia, 1917-2013), mais conhecido como **Mestre Didi**, foi um sacerdote-artista – termo amplamente empregado por Juana Elbein dos Santos, antropóloga que foi sua companheira e que extensamente escreveu sobre sua vida e obra. Filho de um grande alfaiate baiano, Arsênio dos Santos, e de Maria Bibiana do Espírito Santo, conhecida como “Mãe Senhora” por seu papel de lalorixá no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, Didi começou ainda na infância a executar objetos rituais associados ao Candomblé, mantendo essa prática ao longo de toda sua vida. Ao mesmo tempo, iniciou-se na religião ainda aos oito anos de idade, aprofundando-se no culto aos Egunguns (ou Ancestrais), parte essencial da cultura nagô de origem iorubana.

Foi a partir dessa combinação precoce de saberes que aprendeu a manipular com maestria os materiais simbólicos que compõem suas obras: nervuras e palhas de palmeiras, conchas, búzios, contas e miçangas, além de tiras de couro e tecido. Didi articulava esses elementos por meio das técnicas tradicionais que aprendera junto aos praticantes mais antigos do culto ao orixá Obaluaiê, ao qual também se dedicava pessoalmente. Contudo, empregava uma linguagem contemporânea que traduzia para o presente toda uma potente e profunda cosmogonia ancestral. Suas esculturas são manifestações fundamentais da ressignificação simbólica da espiritualidade na arte, sínteses de antigos saberes e expressões atuais de experiências do sagrado: resgatam mitologias por meio de novas estéticas, unem abstração e figuração, entrelaçam o sagrado e o profano, são alegóricas e literais, e vivificam uma religiosidade afro-brasileira que também pode ser universal. Seu trabalho, em suma, consubstancia as relações entre o homem e o sumo sacerdote do Panteão da Terra¹ que detém o espírito íntimo das coisas.

Entre 1946 e 1989, Mestre Didi publicou livros sobre a cultura afro-brasileira, alguns deles ilustrados pelo artista Carybé. Em 1966, viajou para a África Ocidental para realizar pesquisas comparativas entre Brasil e África, contratado pela Unesco. Nas décadas de 1960 a 1990, participou como membro de institutos de estudos africanos e afro-brasileiros e, como conselheiro em congressos com a mesma temática, no Brasil e no exterior, promovendo amplamente a cultura afro-brasileira. Em 1980, fundou e presidiu a Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Asipá do culto aos ancestrais Egun, em Salvador. Foi coordenador do Conselho Religioso do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira, representando no país a Conferência Internacional da Tradição dos Orixás e Cultura.

Mestre Didi já realizou de importantes mostras individuais e coletivas em instituições como Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu Afro Brasil, Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador; Museu Histórico Nacional e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, além de figurar na Bienal da Bahia e na 23ª Bienal de São Paulo. No exterior, expôs Valência, Milão, Frankfurt, Londres, Paris, Acra, Dacar, Miami, Nova York e Washington. Seus trabalhos figuram em coleções de destaque, incluindo Museu de Arte Moderna da Bahia, Museu de Arte Moderna de São Paulo, e Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

¹ Juana Elbein dos Santos: Mestre Didi, o Escultor do Sagrado. A Mão Afro-Brasileira, Vol. I, 2010, Museu Afro Brasil, p. 357.

Deoscóredes Maximiliano dos Santos (Salvador, Bahia, 1917-2013), better known as **Mestre Didi**, was an artist-priest – an expression widely used by anthropologist Juana Elbein dos Santos, who was his partner and wrote extensively about his work. Son of a great tailor from the state of Bahia, Arsênio dos Santos, and of Maria Bibiana do Espírito Santo, known as “Mãe Senhora” due to her role as lalorixá (Mãe de Santo, or high priestess in the Candomblé) in the Ilê Axé Opô Afonjá temple (known as terreiro, a place where Afro-Brazilian rituals take place), Didi, still in his childhood, began to create ritual objects associated with Candomblé, maintaining this practice throughout his life. At the same time, he was initiated in the religion at the age of eight, exploring in the cult of the Egunguns (or Ancestors), an essential part of the Nagô culture of Yoruba origin.

It was from this early combination of knowledges that he learned to masterfully manipulate the symbolic materials that make up his works: palm straws and fibers, shells, whelks, beads, as well as leather and fabric strips. Didi articulated these elements through traditional techniques, which he had learned from the oldest practitioners of the cult of the Obalúayé orisha – to which he also personally devoted himself. However, he employed a contemporary language that allowed him to translate into the present a powerful ancestral cosmogony. His sculptures are fundamental manifestations of the symbolic resignification of spirituality in art, synthesizing ancient knowledge and current expressions of sacred experiences: they rescue mythologies through new aesthetics, unite abstraction and figuration, intertwine the sacred and the profane, are allegorical and literal, and enliven an Afro-Brazilian religiosity that can also be universal. His work, in short, substantiates the internal relationship of a man that is also a high priest of the Earth's Pantheon¹ who holds the intimate spirit of things.

Between 1946 and 1989, Mestre Didi published books on Afro-Brazilian culture, some of which were illustrated by the artist Carybé. In 1966, he traveled to West Africa to carry out comparative research between Brazil and Africa, under commission from UNESCO. In the 1960s and 1990s, he participated as a member of institutes of African and Afro-Brazilian studies and, as a counselor in congresses with the same theme, in Brazil and abroad, widely promoting Afro-Brazilian culture. In 1980, he founded and presided over the Ilê Asipá Cultural and Religious Society for the cult of the Egun ancestors, in Salvador, Bahia. He was coordinator of the Religious Council of the National Institute of Afro-Brazilian Tradition and Culture, representing Brazil in the International Conference on the Tradition of Orishas and Culture in the country.

Mestre Didi has held important solo and group shows in institutions such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu Afro Brasil, Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador; Museu Histórico Nacional and Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, in addition to being featured in the first Bahia Biennial and in the 23rd São Paulo Biennial. Abroad, he has exhibited in Valencia, Milan, Frankfurt, London, Paris, Accra, Dakar, Miami, New York and Washington. His work is part of outstanding collections, such as Museu de Arte Moderna da Bahia, Museu de Arte Moderna de São Paulo and Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Brazil.

¹ Juana Elbein dos Santos: Mestre Didi, o Escultor do Sagrado. A Mão Afro-Brasileira, Vol. I, 2010, Museu Afro Brasil, p. 357.



SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232 2315